

# A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

Luísa Gracielli Marques Silva<sup>1</sup>  
Dilce Pio Nascimento<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise a respeito da representação da figura feminina, bem como sua trajetória no Festival Folclórico de Parintins, buscando proporcionar maior entendimento ao processo de exposição da mulher em dois momentos distintos ao saber: no primeiro momento de transformação do espetáculo, onde corresponde à origem da festa como brincadeira de roda ou de rua, e no segundo momento o qual a festa ganha o nome de Festival Folclórico e passa a ter uma visibilidade que ultrapassa as fronteiras locais, sendo reconhecido de modo nacional e internacional. Nos dias atuais, o festival traz duas Agremiações Folclóricas distintas e concorrentes, Boi Bumbá Garantido e Boi Bumbá Caprichoso, ambos trazendo vinte e um itens a serem apresentados no decorrer do evento, dentre eles os itens femininos individuais respectivamente, Cunchã-Poranga, Sinhazinha da Fazenda, Rainha do Folclore e Porta Estandarte. O foco principal dessa pesquisa é mostrar o que essas mulheres representam não só na arena no momento da apresentação do espetáculo, mas também no contexto social que as rodeia, sendo ele local ou amazonense como um todo. Ao se fazer um estudo do contexto geral da festa, das origens à atualidade, tem-se como embasamento teórico os seguintes autores Wilson Nogueira(2008; 2014), Basílio Tenório(2016), Simone de Beauvoir(1970), Heloisa Costa (2005). Esta pesquisa é de cunho bibliográfica e documental, pois tem como fontes primárias obras de escritores locais que retratam o festival folclórico, obras sobre a análise do discurso como Eni P. Orlandi (2013) ao verificar a imagem discursiva da representação da mulher no que tange ao dito e ao não dito, Simone de Beauvoir (1970) ao retratar o ser fêmea na sociedade patriarcal. E, finalmente, Sandra Makowiecky (2003) e Roger Chartier (2011) ao abordar diferentes níveis de representações, para então assim ser feito um questionamento ao fim desse trabalho a respeito de como a representação da mulher vem sendo configurada externo ao espetáculo para a sociedade.

**Palavras-chave:** Parintins, Festival Folclórico, representação, Mulher.

**ABSTRACT:** This article aims to make a study about the representation in trajectory of women in the Parintins Folk Festival, aiming to provide a better understanding of the exhibition process of women in two distinct moments, namely: in the first moment, the transformation of the show, which corresponds to the origin of the party as a street game, and in the second moment, in which the party gains the name of Folk Festival and starts having visibility outside Parintins. Currently, the festival brings two guilds, “Garantido” and “Caprichoso”, both, popularly known as bulls, bring a number of items to be presented during the event. Among them, in the present spectacle model, of the Festival of Parintins, the individual feminine items are, respectively, “Cunchã –Poranga”, “Sinhazinha da Fazenda”, “Rainha do Folclore, and “Porta Estandarte”, these are the individual items. The main objective of this research is to show what these women represent not only in the arena at the moment of the show but also in the social context of the city as well as in the Amazonian society. When studying the general context of the festival, from its origins to nowadays, we find as theoretical foundation, the following authors, Wilson Nogueira (2008/2014), Basílio Tenório (2016), Simone de Beauvoir (1970), Heloisa Costa (2005). This research is a bibliographical and documentary one, since it has as primary sources works by local writers that portray the folkloric festival, works on the discourse analysis as Eni P. Orlandi (2013) when verifying the discursive image of the representation of the woman in what concerns to the said and unsaid, Simone de Beauvoir (1970) in portraying the female being in the patriarchal society. And, finally, Sandra Makowiecky (2003) and Roger Chartier (2011) when approaching different levels of representations, so that a question is asked at the end of this work about how the representation of the woman has been configured in the show and outside for the society.

**Keywords:** Parintins, Folk festival, Representation, Women.

<sup>1</sup>Acadêmica do 8º Período de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – (CESP/UEA). E-mail: gracielli.luisa95@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Msc. em Literatura Brasileira e Teoria Literária no Centro de Estudos Superiores de Parintins- (CESP/UEA). E-mail: dilcepio12@gmail.com

## INTRODUÇÃO:

O presente trabalho busca fazer um estudo a respeito da representação da mulher no festival folclórico de Parintins, uma pesquisa que visa trazer maior entendimento do momento em que a mulher veio ganhando visibilidade dentro dessa manifestação cultural, que com o passar dos anos sofreu algumas alterações para se tornar o espetáculo que se tem hoje. Segundo Fragata (2017), a festa com o tempo ganhou relevância nacional, passando a ser objeto de atenção da mídia, e assim sendo reconhecida como atração turística e sede do segundo maior evento folclórico brasileiro.

Apesar desse desenvolvimento e riqueza de detalhes proporcionados em cada apresentação no decorrer dos anos, o movimento da mulher no evento passou por modificações, e ganhou um espaço que segundo Tenório (2016), a mulher que aqui será exposta sempre esteve presente na festa, e quando fala-se festa, ainda não está sendo citada a mulher do festival, mas a mulher que almejava poder brincar nas fogueiras (folgado) que os bois faziam nas ruas muito antes do título de Festival Folclórico. Os conhecedores do espetáculo que é apresentado na atualidade, apreciam os itens de pontuação femininos entendendo que estes fazem parte da festa há muito tempo, mas que além de sua marca de apresentar mulheres bonitas, existem outras peculiaridades a serem exploradas a respeito desse item<sup>1</sup>.

Desde 1965 deu-se início a um grande espetáculo a céu aberto que ficaria conhecido mundialmente, a festa do boi-bumbá de Parintins que traria rivalidade e diversão por três dias consecutivos na conhecida Ilha Tupinambarana e que deixaria em evidência duas cores em específico, as cores vermelho e azul, dos respectivos bumbás Garantido e Caprichoso. O evento que iniciou-se de forma pequena e simples, ganhou uma maior ênfase no ano de 1988 e desde então só vem sendo cada vez mais assinalada.

A enfatizada festa é, na atualidade, nacionalmente conhecida, fazendo com que o evento multiplique a população da cidade de Parintins durante esses três dias, com a presença de inúmeros turistas, tanto nacionais quanto internacionais e, conseqüentemente, multiplica a renda da cidade. “Considerada uma das maiores festas folclóricas populares do país, o festival de Parintins não acontece durante o carnaval, mas pode ser comparada às grandes manifestações carnavalescas que acontecem no Brasil por sua importância e grandiosidade” (FRAGATA, 2017, p.68)

---

<sup>1</sup>Item: O termo “item” no festival folclórico de Parintins refere-se à pontuação de cada elemento que é submetido por uma Banca Julgadora. Ao todo são 21 Itens. Entre esses, são julgados os itens femininos tais como: Porta-Estandarte, Sinhazinha e Cunhã Poranga e Rainha do Folclore.

Por conta de toda essa visibilidade do Festival aconteceram adaptações nas atrações que são apresentadas no decorrer do espetáculo, tanto pelo contexto cultural quanto pelo contexto social, o espaço a qual a mulher vem ganhando no decorrer dos anos dentro do espetáculo não se trata apenas da representação dela no momento que ocorre a festa, mas em todo contexto social que ela está inserida.

A mulher ao longo dos anos vem traçando uma luta por igualdade, respeito e espaço de enunciação na sociedade. É de conhecimento da sociedade em geral que no contexto da evolução social a mulher vem sendo colocada em posição de segundo plano, sem voz e sem direito, que ficava a sombra da posição de algum homem, fosse esse marido, pai ou irmão. Nos relatos históricos, segundo Mary Del Priore (2004) os retratos feitos das mulheres no século XIX eram sempre sentadas ao lado de seus maridos ou dos seus pais, por compreender que estas necessitavam do posicionamento de autoridade e de decisão do homem, partindo desse pressuposto, nota-se que o processo de evolução da história da mulher tem sido de lutas por direitos que os homens sempre tiveram, como o direito a voto, direitos que em sua maioria foram alcançados após a criação do movimento feminista, movimento esse, que luta pela igualdade de gênero.

Para o que envolve a representação da mulher no espetáculo, é que o festival folclórico de Parintins a representação da figura feminina é endeusada, os concursos que são propostos pelas agremiações para selecionar as mocas que iram fazer parte do evento, meche com muitas das moças da ilha fazendo com que se busque melhor saber como funciona esse processo e qual a imagem que essa mulher representa.

## **A ILHA, A FESTA: COMO TUDO COMEÇOU**

Parintins, como tantos moradores e turistas a intitulam: Ilha Tupinambarana, Ilha da Magia, Ilha Azul, Ilha Vermelha, Ilha Encantada, Capital Mundial do Folclore ou Capital Nacional do Boi-Bumbá. Parintins é uma cidade pacata fora da época do Festival, com problemas de infra-estruturar, como a energia elétrica, entre outras tantas mazelas sociais.

Assim como outros municípios do território brasileiro, foi inicialmente habitada por indígenas, uma cidade de pessoas acolhedoras que aguardam cheios de expectativas o mês de junho onde tudo acontece, mas que na sua essência é uma cidade tranquila, trata-se de uma cidade que é pacata fora da época do festival, com problemas de infra-estruturar, como a energia elétrica onde seus moradores em sua maioria são caboclos com feições indígenas e pele naturalmente queimada do sol, andam pelas ruas em bicicletas, triciclos e principalmente em motocicletas. (FARIAS, 1966, p 8).

Os primeiros sinais artísticos que os visitantes podem ver ao chegar em Parintins são os artesanatos vendidos na praça da entrada da cidade, conhecida como Praça do Cristo Redentor, atualmente conhecida como Praça Digital. Lá encontram-se expostas as roupas feitas de crochê, acessórios como brincos e colares feitos de penas, madeira, também pode-se encontrar produtos de ervas medicinais que são produzidos pelos conhecidos curandeiros, a praça ainda conta com a presença da feira, que cedo está funcionando com a venda de café da manhã, café esse que traz a tapioca com tucumã, pé de moleque, fritinho de cruzeira entre outras iguarias da cidade.

O Festival folclórico de Parintins, que atualmente é conhecido como um grande espetáculo a céu aberto, espetáculo esse que nos dias de hoje, recebe pessoas de todas as partes do mundo, de barco ou de avião, no período de três dias do mês de junho, assim proporciona o aumento da população em até o dobro da população da cidade, oficialmente o evento teve seu início no ano de 1965, nesse mesmo ano, ele foi colocado no calendário como festa, entendendo que até então se tratava de uma simples brincadeira de alguns bois de pano, como por exemplo o boi galante e boi desigual.

Considerado uma das maiores festas folclóricas populares do país, o Festival Folclórico de Parintins não acontece durante o carnaval, mas pode ser comparada às grandes manifestações carnavalescas que acontecem pelo Brasil, por sua importância e grandiosidade. Presente no calendário oficial de eventos de Parintins desde 1965, o evento se repete todo mês de junho. O nome do festival é originário do local onde ele acontece, a Ilha Tupinambarana. (FRAGATA, 2017, p. 06)

A respeito da história onde tudo tenha iniciado em 1917 e que apenas uma das associações ainda existentes atualmente, que é a do boi-bumbá Garantido já faziam parte, mas que não tinham sido o primeiro. Atualmente no festival existem a presença de dois bois os respectivos bumbas Garantido e Caprichoso, onde um representa a cor vermelha e o outro a cor azul, e dessa forma a cidade também fica dividida, e a rivalidade dos bumbás dura o ano todo, mas ganha força especificamente no mês de junho. A festa passou por certas modificações até chegar na estrutura que possui nos dias de hoje, como por exemplo a inserção das mulheres como itens de pontuação.

De fato, porém sabe-se que o ponto de partida foi uma transição folclórica do Boi-bumbá Garantido e a fundação do Boi-bumbá Galanteo Boi-bumbá garantido, além de haver sido o segundo na história do boi, o boi bumba garantido em Parintins foi também instrumento utilizado nas suas primeiras transformações (TENÓRIO, 2016, p. 18)

Compreende-se que a brincadeira de boi-bumbá teria surgido da cultura do bumba meu boi, trazidas do Estado do Maranhão e que aqui teriam sido modificadas de acordo com

características da cultura do Amazonas, mas que ainda não possuíam caráter de espetáculo, apenas estava ganhando forma para o que ainda iria se tornar o festival folclórico de Parintins, com todas as novas ideias para transformar a festa não apenas foram decididas às agremiações como também foram adicionados os que viriam a ser chamados de itens os quais passaram a pontuar, ou seja, nas noites de disputa os itens então acrescentados valeriam pontos no momento de suas apresentações e se tornariam obrigatórios, sendo esse o que se tem atualmente.

Todas as ações por mais modificadas que sejam devem desaguar na viagem do grande espetáculo, cujo combustível é o modo imaginário amazônico. A representação imaginária, na versão espetacular dos bois-bumbás, concretiza-se por meio da imaginação artística em articulação com as aspirações do mercado. (NOGUEIRA, 2014, p. 224)

Isso acontecerá por conta dos três momentos de transformação que a festa sofreria mutações por conta da ideia de deixá-la com a característica mais marcante sendo da Amazônia, mas que então sairia o que era titulado boi de rua ou de roda como chamavam, que se trata exatamente da brincadeira que acontecia nas rodas de rua, que tinha traços marcantes dos teatros jesuíticos e traria renda.

Seguindo a dramaturgia subentende-se que os jesuítas retornaram no tempo e na história de onde trouxeram o mito do boi enquanto divindade e o colocaram ao lado da fogueira de Inquisição. Em se tratado da sátira, assim como a igreja católica exaltou a cruz romana, justo instrumento de extremo suplício onde morreu Cristo, proclamando-a sinal do cristão, de igual modo o conjunto folclórico do auto do boi. (TENÓRIO, 2016, p. 33)

Assim se transformaria no boi de palco, que corresponde ao momento da criação de uma apresentação mais elaborada, com essas mudanças seus respectivos representantes também eram modificados, e por última transformação surgiria o boi moderno, que traria como ideia principal o resgate da figura indígena como uma das figuras principais da festa.

Deste modo, as modificações foram deixando a lembrança do bumba meu boi um tanto mais distante do que se tornaria apenas boi-bumbá, e com as alterações ocorridas para que acontecessem as disputas os itens foram enumerados e alguns renomeados para que as disputas fossem justas e estivessem de acordo com as novas transformações no boi-bumbá, de forma que atualmente o festival possui cerca de 21 figuras que se apresentam e que pontuam nas apresentações de arena, sendo que os únicos itens que possuem ordem predeterminada na apresentação é o apresentador, levantador de toadas e a batucada ou marujada, que inclusive batucada e marujada são os únicos itens que possuem nomes diferentes os demais itens da

disputa possuem os mesmos nomes, tanto fica claro as mudanças que o nome toada que algumas pessoas pensam ser apenas músicas são cantigas que vão contando histórias nativas da região, e se trata de um ritmo próprio, único do boi-bumbá.

O festival possui um total de 21 quesitos, sendo que a maioria não possui ordem predeterminada de apresentação. As exceções são os três primeiros (apresentador, levantador de toadas, marujada ou batucada), além do último (encenação).

Os quesitos são: apresentador, levantador de toadas, batucada ou marujada; ritual indígena; porta-estandarte; amo do boi; sinhazinha da fazenda; rainha do folclore; cunha-poranga; boi bumba (evolução). (FRAGATA, 2017, p.09)

No Amazonas, as toadas eram músicas cujas letras exaltavam o boi e a cultura cabocla parintinense. Na década de 90, a temática indígena foi introduzida com o sucesso no Boi Bumbá de Parintins, ganhou mais espaço principalmente com o advento dos rituais indígenas, que se tornaram o ponto alto do festival, pois “com o sucesso de tais toadas, o público da capital, Manaus, adotou a toada como símbolo da cultura amazonense” (FRAGATA, 2017, p.09)

Com o passar dos anos, o espetáculo ganhou mais visibilidade, e nos dias atuais a toada possibilita o reconhecimento de muitos compositores, uma vez que como símbolo da cultura Amazonense as letras dessas toadas, finalmente, começaram a gerar lucro para os compositores desconhecidos. E as mudanças no formato do espetáculo ocorreram de forma generalizada, a cidade passa a ser conhecida nacional e até internacionalmente por ter começado pela festa e dos respectivos bumbás Garantido e Caprichoso. A partir dessas mudanças culturais foram inseridos itens de pontuação obrigatórios para ambas as agremiações marcadas com características indígenas.

O festival da atualidade já com todas as suas modificações, se mantém como um grande espetáculo e com os avanços do tempo ele tem acompanhando as inovações, trazendo novas tecnologias e já com sua marca registrada da cultura indígena, proporciona a descoberta de muitas culturas e ritos de etnias com um tanto mais de detalhes e maestria a que agora são feitas também encenações na arena do bumbódromo.

Empossado governador, nos primeiros meses do ano seguinte, 1987, chegavam a Parintins os técnicos do governo Levantavam então os subsídios, feitos o projeto, enviada a construtora a Radio Alvorada de Parintins anunciava em edição extraordinária a construção do novo bumbódromo. (TENÓRIO, 2016, p. 235)

Ressalta-se que o referido local para as apresentações nem sempre existiu, o espaço intitulado como bumbódromo é uma espécie de arena onde os bumbás se apresentam antigamente os brincantes faziam a festa na praça da cidade, atualmente conhecida como Praça dos Bois. A praça é dividida nas cores dos bumbás, metade dela da cor vermelha,

correspondendo ao boi garantido e o outro lado na cor azul ao boi caprichoso, com todas as modificações que foram sendo executadas para que o festival tivesse a proporção que tem hoje ele para de ser apenas uma festa da cultura, mas uma fonte de renda.

Nas sociedades modernas as festas podem se associar aos aspectos e aos interesses do mercado. Antes, para usufruto material e espiritual da comunidade; agora feitas para serem comercializadas como espetáculo para um público indiferenciado, para as massas de consumidores de entretenimento e lazer. Essas festas espetacularizadas são um fenômeno que se desenvolveu no capitalismo, principalmente a partir do aprimoramento dos meios eletrônicos de comunicação. (NOGUEIRA, 2014, p. 101)

No período da festa, os moradores da cidade trabalham com um pouco de tudo para arrecadar uma renda extra para suas famílias, mas a indústria do boi-bumbá em si trabalha o ano todo, hoje são encontradas lojas dos respectivos bois na cidade, onde são vendidos diversos tipos de acessórios com as cores e imagens dos bumbas, copos, camisas, bonés, sandálias, tênis entre outros inúmeros utensílios, os bumbás possuem escolas de artes, que trabalham ensinando jovens desde a prática de desenhos como a tocar instrumentos, dança, a arena onde acontece o espetáculo atualmente possui cadeiras e camarotes que cobram um valor considerável, os brincantes que vão para as arquibancadas, não precisam pagar, mas ficam em filas que dobram as esquinas das ruas, com o único propósito de ver a festa e colaborar com o seu boi, já que a torcida também se trata de um item que pontua que na ilha são chamados as respectivas galeras.

De acordo com os estudos, o que hoje acontece em uma arena, além de ter passado um tempo sendo apresentado nas praças dos bois, já foi apresentado de casa em casa, e por isso os brincantes valorizam tanto a ideia de ficar nas filas para entrar nas arquibancadas, relatos de que em algumas noites um bumba passava em várias residências, não só pela festa, mas porque compreendia-se que para ocorrer os agrados aos santos os bois deviam ir pedir as arrecadações “a tradição mandava que o santo saísse em visitas de captação de recursos para o próprio festejo. (TENÓRIO, 2016, p. 77)

Esse período o boi não recebia os auxílios que possui hoje, que são seus patrocinadores, este se mantinha com o que os próprios brincantes doavam para receber o boi nas suas casas, e assim também faziam suas oferendas aos santos aos quais eram devotos.

## **A MULHER, A FESTA, O FESTIVAL FOLCLÓRICO**

Um dos assuntos que tem auferido muito espaço nas entrevistas de revistas, e sites que discutem as mudanças que nossa sociedade vem sofrendo, é o espaço que as mulheres vem conquistando, tanto no ramo profissional como no reconhecimento em tantas outras áreas as

quais ela já fazia parte, mas que não tinha visibilidade, na Amazônia mesmo com a construção de uma ideia de cultura matriarcal, ela passou também pelo processo do patriarcado, segundo Gondim(2007), quando retratado a invenção da Amazônia a ideia de progresso estava ligado ao patriarcalismo.

Não é de hoje que as mulheres estão passando por momentos de mudanças e por momentos de lutas, já que nem sempre ela teve direitos, Simone de Beauvoir aborda que (1970) o mundo sempre pertenceu aos machos, assim compendia-se que as mulheres tinham apenas deveres, ser mulher, era ter inúmeras restrições na sociedade, e ser considerada o “sexo frágil”, incapaz de pensar ou produzir. Esse pensamento tem sido mudado desde o surgimento do feminismo na virada do século XVIII para o século XIX (MIGUEL, 2014) O surgimento do movimento feminista faz com que as mulheres percam o receio de se impor, começam a não aceitar tudo que lhe era imposto, as mulheres eram de certa forma criticadas antes de mais nada simplesmente pela sua forma biológica

A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto “fêmea” soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: “É um macho!” O termo “fêmea” é pejorativo não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo”. (BEAUVOIR, 2009.p.32)

Todas as suas características eram de alguma forma intituladas como fracas pelo sexo apostado, e pode-se relacionar essas devidas atitudes a cultura patriarcal que rege o Brasil, a ideia de que o homem é ou o macho como alguns assim o chamam, revistas relatam que em 1970 apenas 18% das mulheres exerciam funções de trabalho as quais eram remuneradas, anos depois segundo pesquisas do IBGE, esse quadro foi modificado, onde as mulheres também já trabalhavam de carteira assinada.

As mulheres vêm ganhando espaço, conquistando os seus direitos, não só por evolução única do tempo e da sociedade, mas por uma busca delas próprias por independência, criando um novo conceito de mulher, e modificando também a sociedade no todo já que agora a mulher não é só dona de casa e dos filhos, a mulher moderna é mãe, empresaria, é estudante, é a mulher, que vai pra academia de musculação, que cuida da casa mas cuida também da beleza, e que busca quebrar essa ideia de fêmea, na obra o segundo sexo de Simone de Beauvoir ela esclarece um pouco desse conceito ou dessa forma que foi colocada sobre a mulher e porque é importante essa ruptura, porque não se deve restringir a condição feminina a esse conceito, conforme a referida autora:

A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana” (BEAUVOIR, 2009, p. 58)

Ou seja, a mulher não se trata apenas de um corpo reprodutor, ela vem lutando, pelo reconhecimento de suas demais qualidades, e mostrando quantas outras funções pode exercer, e que apesar, de que nos dias atuais muitos degraus já foram alcançados por elas ainda existe uma certa resistência para que seja entendido a importância da mulher no todo, o quanto a sua introdução nas demais tarefas foram positivas em muitos setores da sociedade.

O que vai acontecer muito é a presença de mulheres de forma escondida em algumas áreas ou até mesmo ignorada devido, a maioria das vezes, a sociedade patriarcal olhar com indiferença o sexo feminino. O movimento feminista trouxe um maior enfoque nas mulheres, pois “ao estudar as mulheres foi possível perceber as relações de gênero e o papel político da mulher na família, na comunidade, na igreja, enfim, os espaços onde cotidianamente se deslocava. (COSTA, 2005)

### **A MULHER ANTES DO FESTIVAL, A FESTA DE RUA:**

Antes do que é conhecido como Festival Folclórico de Parintins é importante esclarecer que primeiramente, havia a brincadeira, a festa que acontecia nas ruas, segundo relatos de um brincante da época o Sr. Manoel Ribeiro<sup>2</sup> de 65 anos, responsável que confeccionava as vestimentas dos brincantes na década de 68 a 90, ele descreve que as mulheres dessa época do boi iam para as ruas de fato acompanhar o cortejo feito ao boi, faziam as refeições que eram oferecidas aos brincantes, mas não eram bem vistas na festa.

Segundo a fala do seu Emanuel: *No ano de 1968 e 69 eu comecei a brincar no boi, foi quando fui ter preferência por boi, a mulher entrou no boi nessa época, no garantido começou com a rainha da fazenda como era chamada, que na época era a Malra, junto com ela brincaram quatro moças, que eram índias, a Clésibia que eu não sei se ainda é viva, a Deusa que ainda é viva filha do seu Anísio, Aroca que era uma parenta do seu Lindolfo, e a Cilene que já é morta, no caprichoso eu sei que quem foi a primeira rainha foi a Rosita que já é morta filha dos donos do boi naquela época.*

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por um dos primeiros brincantes do boi bumba de Parintins. A autorização consta nos anexos dessa pesquisa.

*Mas tudo isso quando começou a mudar as figuras, tudo era um processo de você tina que ir pedir dos pais, tem gente que fala assim a mulher entrou no boi, mas não era assim não era pra mulher brincar no boi, tinha que pedir e tinha pai que não deixava, ainda tem outro detalhe que muita gente não sabe, que a mulher pra ser item no boi como miss, rainha da fazenda ou alguma coisa assim ela não podia ser falada, entende o que é falada? ... Ela tinha que ser moça, tinha que ser virgem.*

De acordo com Tenório (2016), aconteceu em 1920 um grande desentendimento na história de Lindolfo Monteverde e sua irmã dona Santa por essa ideia das mulheres brincando boi, dona Santa queria brincar na rua com o Boi-bumbá garantido e Lindolfo não concordava com a ideia da sua irmã, mesmo sendo ele o fundador do respectivo boi.

Lindolfo Monteverde estava um homem feito, havia fundado o Boi Garantido e tornara-se famoso enquanto poeta popular. Entretanto, além de se tornar alcoólatra vivia as consequências e um mutuo e forte estremecimento com dona Santa, sua irmã caçula. Havia brigado porque até então, em Parintins, mulher, em hipótese alguma podia brincar de boi e ela queria, a qualquer custo, brincar o Boi Garantido. Naqueles idos, a participação da mulher no boi-bumbá em Parintins resumia-se em ornamentar o terreiro, confeccionar as fantasias dos brincantes e seguir o boi entre a assistência. (TENÓRIO, 2016, p. 140-141)

Segundo o seu Manuel José Ribeiro, as mulheres que seguiam o cortejo eram apelidadas de mutucas, que corresponde a o nome de um inseto que fica rodeando o boi, a presença era aceita, mas era um incomodo entendia-se que brincar boi na rua não era coisa de mulher direita segundo seu Emanuel, e o conceito de mulher direita de acordo com ele, correspondia a uma mulher comportada, virgem e que os pais acompanhassem nesses eventos.

E assim foi por um tempo, com todas as exigências ainda na festa de rua ele alega que especificamente as que se tornavam brincante de dentro da festa eram defendidas e respeitadas pelos demais, e que os bois tinham essa preocupação em não denegrir a imagem das moças das brincadeiras, tanto que os responsáveis pelo boi ir para as ruas nas casas pedia permissão aos pais das moças para que elas pudessem desfilar na brincadeira.

No primeiro caso, o boi chegava frente as à residência e o conjunto folclórico logo fazia roda. Após o verso de saudação a dona da casa e às suas belas filhas levantava-se uma toada de chegada, um verso, pai Francisco tirava a língua do boi, vendia à dona da casa e entregava o arrecadado (TENÓRIO, 2016, p. 77)

Essa mulher do período da festa de rua, ficava apenas a acompanhar o caminho que o boi fazia de um lugar da cidade até a casa de alguém que o convidasse, e lá eram feitos os momentos de cantigas e brincadeiras, até esse momento a mulher é uma brincante oculta,

invisível e de presença incômoda, e que tinha como função apenas cozinhar para os brincantes ou desfilar sem muita visibilidade nesse momento.

### **A MULHER DO FESTIVAL, O ESPETÁCULO EM TODA SUA MAGNITUDE.**

Após o término do momento que ficou conhecido como boi de roda ou o boi de rua, a festa passa a ganhar um novo título, que é o da atualidade, se torna festival folclórico de Parintins o novo nome tem mais força porque ganha visibilidade fora da ilha e conta com patrocinadores agora, o governo passa a olhar o evento, o espetáculo vai fazer parte da indústria cultural.

Trata-se de uma manifestação popular que, ao assumir a defesa da natureza e das culturas amazônicas, arrecada recursos do poder público e da iniciativa privada, incentiva o mercado de show e exerce influência na política local e regional. Os bois-bumbás parintinenses não se sustentam como produtos de mercado. Ainda dependem em grande medida do Estado para fechar contratos com grandes patrocinadores e divulgadores. O patrocínio da Coca-Cola por exemplo (NOGUEIRA, 2014, p. 13)

Conseqüentemente, com a visibilidade do evento, modificações foram necessárias para acompanhar o nível de expansão que ele estava sofrendo, e assim também a representação da mulher teria que passar por determinadas adaptações. Como se daria essa representação? A seguir tem-se algumas ideias sobre representação. Conforme Makowieky, “Etimologicamente representação provem da forma latina *representare*, fazer presente ou apresentar de novo. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de um objeto. (MAKOWIECKY, 2003, p.03) enquanto Roger Chartier (2011) enfatiza que: “As representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram”.

Quando modificado o modelo de festa para se tornar festival com toda a expansão, a mulher para de apenas fazer parte de um desfile, agora ela ganha visibilidade e passa a representar figuras culturais da festa agregando na figura dessa mulher elementos a serem representados não só ela como o todo, agora se tem um espetáculo, os bois ganham uma arena, recebem o bumbódromo.

Segundo Wilson Nogueira (2014) O bumbódromo inaugura literalmente um novo momento para os Bois-bumbás, que é a o da necessidade de aprofundamento da “racionalização” do espetáculo, para pô-lo em sintonia com as exigências da indústria do entretenimento, a mulher nesse momento não se trata mais da imagem apenas da beleza na

ilha e na festa, mas vai fazer parte de um momento em que todos os seus atributos passam a ser observados quase como quando tudo se iniciou mas agora ela faz parte de um comercio, uma vitrine viva.

Com a aceitação e visibilidade o festival agora possui oficialmente no espetáculo a presença de quatro mulheres como itens oficiais da festa pontuam e disputam em apresentações individuais na arena cunhã-poranga que antes do espetáculo possuía o nome de miss do boi

Caprichoso e Garantido se uniram na busca de um nome apropriado, que representasse a Cultura do Amazonas. E não importa se do Tupi ou Guarani ou do Nhengatu, surgiu o termo CUNH-PORANGA para representar o nome da moça mais bonita da tribo. A miss do boi deixou de ser miss, vestida de índia, para transformar-se em cunha, CUNHA-PORANGA, Flor Mestiça da Terra. (SUZANO, 2012, p. 49)

No contexto da festa ela representa uma índia guerreira, a flor mestiça da ilha, mas essa mulher vai ser muito mais que isso quando vista do contexto social é a moça da ilha que desperta nas outras a vontade de ser igual, prova disso é o número extenso de moças que se inscrevem nas disputas que acontecem para as escolhas das itens. Segundo foi relatado pelo Sr. Emanuel Ribeiro, após a definição desses itens começam as modificações nas demais Rainha da fazenda passa a ser chamada de Sinhazinha da fazenda que segundo Nogueira (2014) é um reforço das três raças no espetáculo, Sr. Emanuel informa que a Rainha do Folclore foi a troca que ocorreu da necessidade de não haver várias mulheres pra representar por exemplo as frutas, natureza ou outras culturas, mas uma que englobasse todos esses setores.

Assim surge também a Porta-Estandarte, que é responsável por trazer um estandarte com o símbolo de sua agremiação, e o tema daquele respectivo ano, elas representam essas mulheres na arena, mas englobam agora uma imagem também da mulher Parintinense e era nesse ponto que queríamos chegar, com esse crescimento a mulher se torna visível e um item indispensável para o evento, porem isso ocorre agora porque a mulher passa a fazer parte do que é intitulado indústria cultural, agora a sua imagem é parte de um comercio, a imagem que ela representa faz divulgação de vários setores que trazem renda para a cidade isso porque de acordo com Nogueira(2014) a fama do festival folclórico protagonizado pelos bois-bumbás Garantido e Caprichoso dentro e fora do país. Os holofotes da mídia transformaram a sala de visita em vitrine das expressões culturais amazônicas midiaticizadas.

Neste momento é possível observar duas situações, a conquista real pelo espaço que se buscava dentro da festa e a mulher que esteve desde sempre presente buscando ser visada e alcançando isso e a mulher que faz parte, porém não se tem conhecimento desta, outro ponto a ser discutido é que com essa representação mais forte e com maior visibilidade Mas com a expansão do evento o que é visto na atualidade é uma mulher que tem visibilidade, que possui admiradores, mas o que fica no discurso oculto dessa mulher intitulada linda e quase que perfeita. Eni P. Orlandi afirma que:

A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre homem e a realidade natural e social. Essa mediação, é que o discurso, torna possível tanto a permanência e a comunidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. (ORLANDI, 2013, p. 15)

Por conta dessa ligação discurso e realidade natural que fica o questionamento sobre essa representação que vai além do espaço do bumbódromo, mas que torna-se a realidade de vida dessas mulheres intituladas itens, a transformação a qual ela passa pra ocupar tal posto, torna o discurso de mulher bela como um discurso de uma mulher cuja realidade é especificamente essa, não se levando em consideração o discurso oculto de ser humano que cumpre as exigências midiáticas para se manter ideal em um determinado espaço.

Orlandi (2013) aborda que “la interpretação não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social. Ela é “garantida” pela memória”. Sendo assim uma representação não se funde a uma única mensagem, pois esta não pode ser total desligada da realidade, destacado este ponto, o questionamento a ser feito é como atualmente essa representação tem sido recebida pelo público do festival e as mulheres que estão a frente da representação desses personagens qual a realidade que estas se submetem para viver na atualidade as cobranças feitas por tal papel na sociedade.

Uma vez que o discurso passou por uma adaptação para aceitação da presença indesejada e passa a ter um espaço fundamental, uma das falas do seu Emanuel é sobre o momento que essa representação foi aceita e vista pelo mercado, a mulher é caracterizada como uma imagem agora a ser bem vista, pois pelo comercio a fala vai ser outra a respeito desta. O discurso é de uma imagem aceita, representado a beleza, a natureza e outras figuram que representam a mulher do festival folclórico como elas interpretam as belezas do lugar, por conta disso agora torna-se importante observar os discursos auferidos sobre essas representações Orlandi explica que:

A análise do discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação e ela considera como atos de domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. (ORLANDI, 2013, p. 26)

Partindo desse pressuposto as intervenções feitas a respeito dessa mulher e o espaço valorização que abrangeu sua figura de representação foi modificada quando o discurso do evento foi observado pelo lado comercial, a representação da beleza feminina foi um atrativo a mais para a os holofotes da indústria cultural, como dito no segundo tópico os conceitos agora são outros, e suas modificações afetam o meio social, principalmente na própria cidade.

Em 1987, o então governador Amazonino Mendes solicitou, encontro público, em Parintins, que a população escolhesse a construção de um hospital ou de um bumbódromo novo, conforme relato o vereador Antônio Pontes, em ata compilada por Manso (2012, p. 366): “Todos de braços levantados pediram um novo bumbódromo, o que ficou firmado o compromisso com o governador”.

O impacto dos movimentos da indústria cultural sobre os animadores da cultura popular é controverso. Os adeptos da “tradição de origem” e da “nova tradição” confrontam-se na polemica que tem como foco, respectivamente, efeitos na permanência e da mudança na vida social (NOGUEIRA, 2014, p. 121)

E por conta desse impacto social, tal representação, passou por processo de aceitação e a trajetória de mudança da presença feminina atualmente é vista de forma positiva por alguns e nem tanto por outro, seu processo de representação durante a brincadeira difere do espetáculo, quando seguia o modelo de festa como roda de rua as moças passavam por algumas exigências como visto em tópicos anteriores, porém não recebiam gratificações por participarem da festa, em quanto a mulher agora recebe mais atenção e uma quantia não revelada em valores financeiros pelo papel que representa, o crescimento do evento no contexto geral também deixa em oculto outros pontos que solicita uma maior atenção para a forma que são divulgadas essa presença e divulgação da mulher no espetáculo. Nogueira na obra festas Amazônicas relata esse ponto quando cita que:

O boi bumbá em Parintins adquiriu condições de sinônimo de festa popular da Amazônia porque agregou bens simbólicos e materiais correntes na região, porém adequando-os a modelos consagrados no mercado, principalmente ao do carnaval carioca (fantasias, alegorias e personagens que ressaltam um determinado padrão de beleza. (NOGUEIRA, 2008, p. 96)

Quando tornado a personagens que exigem padrões de beleza por conta desse investimento da indústria sobre o evento retorna-se a mostrar um dos papéis auferidos pela mulher já que existe um padrão de beleza a ser cobrado para que essa faça parte do espetáculo, um dos propósitos desta pesquisa é enfatizar que a representação da mulher envolve o todo uma vez que por uma comercialização da imagem da beleza a cidade de

Parintins recebe pessoas de vários lugares, pessoas que chegam com o intuito de se divertir e outras que buscam a prática de atos considerados inadequados, desde furtos e uso de drogas ao ato da prostituição.

Ninguém gosta de coisas ruins; dizem os que refutam o que vem acontecendo na cultura do boi-bumbá em Parintins. Não bastassem os acordos inconfessáveis entre presidente de boi e políticos, entre aqueles e os maus profissionais de boi e talvez por isso os problemas se erguem. O tráfico de drogas; por ocasião do festival chegam os traficantes vestidos nas cores dos bumbas, a população e as autoridades ... A prostituição; os aliciadores, sobretudo de adolescentes, faturam alto. (TENÓRIO, 2016. p 257)

Tenório ao tocar neste ponto reforça o que é entendido que toda situação possui duas vertentes, mas que nessa situação, onde não é interessante para a imagem do festival que esses pontos sejam abordados, mas se trata de um grande prejuízo para a cidade, já que se trata de uma cidade pequena, que nesse período traz muitas pessoas desconhecidas que estão apenas de passagem.

Vê-se então, que não trata-se apenas de um personagem que foi incluído pela busca da mulher em participar por um lugar no evento, mas por um interesse da indústria cultural, uma vez que no momento da sua aparição o público expectador teve um aumento, porém vale salientar que quando falado em mulheres é importante lembrar que existem outros vários espaços no que relacionado ao espetáculo que a presença delas é importante não são vistas ainda, como por exemplo as costureiras, mas estão presentes, entretanto a mídia pede outras aparições.

Ao ser produzido um discurso no qual a mulher representa uma imagem de beleza, e que de certa forma apresenta uma imagem desnuda possibilita que muitos olhares em sua maioria sejam voltados para ela, o que fica implícito nesse discurso é que ao se informar isso, ignora-se a possibilidade da existência de assim como admiração, uma ideia de comercialização do corpo, fica então deste ponto um questionamento a ser discutido, que corresponde a qual ideia tem-se de representação, uma mulher que representa um todo, ou só a personagem dentro do espetáculo? e como isso tem refletido na sociedade.

Enfatizando que um ponto a ser visado é essa postura de mulher que aceita fazer parte desse universo comercial, compreendido que os eventos de escolhas trazem uma grande procura, pode-se dizer que ao ver como repercutiu a chegada da miss uma visão clara que a mulher como objeto de apresentação mesmo que em representação trouxe lucros para a festa.

Manteve-se o conceito de rigorosidade nas escolhas das moças em alguns aspectos, porém é perceptível que as mudanças foram muitas, e os discursos também são outros uma vez que os interesses são diferentes, este trabalho não esgotasse por aqui, trata-se de uma pesquisa vasta, mas que busca esclarecer a representação da mulher dentro e fora do grande espetáculo folclórico, porem na pequena cidade de Parintins.

#### **REFERÊNCIAS:**

COSTA, Heloisa Lara Campos. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005. FARIAS, Júlio Cesar. **De Parintins para o mundo ouvir: Na cadencia das toadas dos bois- bumbas Caprichoso e Garantido**. Rio de Janeiro, 2005.

FRAGATA, Carlos Albert; BUTEL, Gielle; COSTA, Joao Ribeiro. **Festival Folclórico de Parintins: imaginário, arte e cultura na Amazônia**.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi –Bumbá – Imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2014.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazonicas: boi bumba, ciranda e sairé**. Manaus: Editora Valer, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editora, 2003.

PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7 ed.- São Paulo, 2004.

SUZANO, Joao de Matos. **Brincando de Boi em Parintins**. Manaus: Gráfica, 2002.

TENÓRIO, Basílio. **A Cultura do boi – bumbá em Parintins**. Parintins: Gráfica e Editora Joao XXIII, 2016.

RIBEIRO, Manuel. **Entrevista cedida**. 01 de Outubro de 2018.